

A “MORTE DE DEUS” E SUAS CONSEQUÊNCIAS MORAIS EM FRIEDRICH NIETZSCHE E EM JEAN-PAUL SARTRE (Edição revista)

Marcos Delson da Silveira¹
Wallece José Silva Lima²
Débora Vechi³
Lusimeire Figueredo da Silva⁴

RESUMO

Este artigo, partindo da perspectiva de Nietzsche sobre as mutações do homem, a “morte de Deus,” a transvaloração dos valores e em Sartre com a perspectiva da liberdade humana inserida em sua reflexão relacionada ao existencialismo, objetiva descrever a percepção ética desses dois filósofos. Tem-se como hipótese que, tanto em Nietzsche quanto em Sartre, a afirmação da ausência do Ser divino é o fundamento, respectivamente, à transvaloração dos valores e ao existencialismo pois, tanto um como o outro, axiologicamente, negam valores imutáveis, fixos ou naturais típicos, na filosofia cristã, da ação do ser Criador.

Palavras-chave: Mutações do homem; Morte de Deus; Transvaloração dos valores; Liberdade Humana; Existencialismo.

ABSTRACT

This article, starting from Nietzsche's perspective on the mutations of man, the “death of God,” the over valuation of values and in Sartre with the perspective of human freedom inserted in his reflection related to existentialism, aims to describe the ethica perception of these two philosophers . It is hypothesized that, in both Nietzsche and Sartre, the affirmation of the absence of the divine Beingis the basis, respectively, for the over valuation of values and for existentialism, since both one and the other, axiologically, denyimmutable, fixed values or typical naturals, in Christian philosophy, of the action of being Creator.

Keywords: Mutations of man. Death of God. Valuation of values. Human Freedom. Existentialism

¹ Licenciado em Filosofia pela Faculdade Católica de Anápolis, Especialista em Ensino de Filosofia, Professor universitário.

² Licenciado em Filosofia.

³ Pedagoga. Pós-graduada em Orientação escolar.

⁴ Licenciada em História.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é expor, sucintamente, a ideia da “morte de Deus” em Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900) e em Jean-Paul Sartre (1905-1980) com o intuito de descrever a percepção ética desses filósofos. Dois pensadores contemporâneos que, movidos por razões e caminhos diferentes, chegaram ao mesmo princípio de que não existem valores imutáveis, naturais ou transcendentais. Para eles, os valores morais são históricos construídos em determinado momento e suscetíveis de mudanças.

Em Nietzsche, no livro *Assim falava Zaratustra* (2002, p. 34-7), far-se-á referência às mutações do homem, dividindo-as em três: o homem Camelo, o homem Leão e o homem menino. Cada mutação diz respeito a uma maneira de se comportar mediante as exigências sociais, uma possível forma de ser e de agir. Dessa percepção antropológica nietzschiana, far-se-á alusão à transvaloração dos valores, tendo como premissa o imperativo “Deus está morto,” proclamado na Gaia Ciência e pelo “profeta” Zaratustra. Tem-se como hipótese desse primeiro tópico que o fundamento da “transvaloração dos valores” é a afirmação da ausência do transcendente e de todo alicerce ascético.

No pensador Sartre, tem-se como hipótese que a perspectiva da “morte de Deus” é a base de seu existencialismo. Salienta-se essa hipótese pelo fato de que a ideia de liberdade arguida pelo filósofo dar-se na busca da construção de uma essência (um significado ao existir) que se concretiza na vivência, isto, evidentemente, na falta de um Ser que cria o homem dando-lhe um destino e, portanto, cerceando-lhe a liberdade.

Este artigo é fruto da leitura de algumas obras, dando ensejo aos livros *Assim falava Zaratustra* de Nietzsche e *O existencialismo é um humanismo* de Sartre, sendo, portanto, de cunho bibliográfico. As leituras foram realizadas com o objetivo de ministrar aulas na Rede Estadual de Ensino em Goiás, sendo que muitas das interpretações que foram utilizadas têm como aporte os livros de apoio às leituras das obras principais e, também, reflexão de cunho pessoal. Na conclusão tem-se uma breve reflexão fundamentada na perspectiva da filosofia perene. Espera-se que este escrito sirva como subsídio para futuros trabalhos que pretendem aprofundar os tópicos propostos no corpo do artigo.

AS MUTAÇÕES DO HOMEM E A TRANSVALORAÇÃO DOS VALORES

No livro *Assim falava Zaratustra* (2002, p. 34-7), Nietzsche faz referência às mutações do homem, dividindo-as em três: o homem Camelo, o homem Leão e o homem Menino. Cada mutação diz respeito a uma maneira de se comportar diante a sociedade, uma possível forma de ser e de agir. Dessa percepção antropológica nietzschiana far-se-á alusão à transvaloração dos valores, tendo como premissa o imperativo “Deus está morto,” proclamado na Gaia Ciência e pelo “profeta” Zaratustra.

Assim, na percepção do filólogo, o homem Camelo está cercado pela mediocridade, é guiado pelo medo que o conduz a elaborar escudos para se defender dos ataques da natureza. Entre esses escudos, que o homem Camelo produz, está a moral e a religião. Para Nietzsche (2002, p. 43), a ideia de Deus unida à percepção de um mundo extraterreno, que circunda tanto as leis morais como os dogmas religiosos, é a criação de uma mente adoecida. O homem Camelo joga sobre os seus ombros as leis morais e os dogmas religiosos fazendo de sua vida um deserto, algo sem sabor – embora seja no deserto que se transforma no Leão. Assim, por meio dos seus escudos, o homem Camelo tende a buscar formas para universalizar a sua fraqueza, a sua mediocridade, a sua covardia... Para cumprir tal objetivo, utiliza-se da religião, em específico do cristianismo. O homem Camelo busca, inebriado na religião e na moral, convencer o homem forte de que

só os miseráveis são bons, os pobres, os impotentes, os pequenos são os bons, e ainda aqueles que sofrem, os necessitados, os enfermos, os doentes, os feios são também os únicos seres piedosos, os únicos abençoados por Deus, só para eles existe a bem-aventurança – quanto aos outros, os nobres e poderosos, são por toda a eternidade os maus, os cruéis, os concupiscentes, os insaciáveis, os ímpios, são por toda a eternidade os réprobos, os malditos, os condenados... (NIETZSCHE, 2009, p. 37).

Por meio da moral e da religião o Camelo busca convencer o homem forte que a fraqueza é o bem sendo, portanto, o mal o seu oposto. Ao conseguir concretizar o seu ideal de universalização da mediocridade, o homem Camelo acaba por criar uma “moral de rebanho”, uma conduta antinatural, um ideal ascético de sobrevivência que o conduz a abandonar a vida terrena em nome de uma vida extraterrena. Ele blasfema contra a terra.

Para Nietzsche (2009, p. 131), o ideal ascético é um ideal contra a natureza, é um retorno aos ideais enfermiços e obscurantistas. Os valores ascéticos da tradição compuseram uma cultura decadente, aonde os homens, para justificarem as próprias mazelas, renderam-se à transcendência em detrimento da existência (MATTOZO, 2012, p. 113-4). Mondim (1987; p. 75), comentando esse tema, afirma que na visão de Nietzsche “o homem não deve buscar o aniquilamento pessoal, mas a máxima afirmação de si mesmo contra qualquer obstáculo, repressão ou coação, e a plena realização de todos os valores dos quais a natureza humana é capaz”. A vontade de potência deve elevar o homem para além do bem e o mal e não rebaixá-lo de joelhos diante do sacerdote. Para tanto, o filósofo em questão faz uma ferrenha crítica à cultura Ocidental fortemente influenciada pelo ascetismo.

O ascético homem Camelo é a figura do niilista negativo, isto é, que nega este mundo em nome de outros mundos, de outros valores. Ele nega o mundo sensível que, em sua acepção, é imperfeito, das sombras, das opiniões em nome de um mundo suprassensível que, ao contrário, é o mundo da verdade absoluta, da essência, da ideia. Imagina, em sua mente doente um Deus dos fracos, dos oprimidos, dos ressentidos, ou seja, um Deus a sua imagem e semelhança.

Assim, na Gaia Ciência (2010, p. 116), contra a percepção do “homem Camelo”, proclamou Nietzsche o fim do alicerce que fundamentava a “moral de rebanho”: “Deus está morto”. Resta ao homem essa realidade mundana, pois a alma é insubstancial. Nietzsche proclama um homem que não presta contas nem a Deus, nem à moral, nem à sociedade, um homem que é dono de si mesmo, que ele chama de “homem Leão⁵”. “O homem forte rejeita (...) todas as conveniências sociais, todas as ilusões religiosas (...) para respirar a vida autêntica, sem deixar se dominar pela mediocridade e pelos costumes” (MONDIN, 1983, p. 77). O “homem leão” é dono de si mesmo, de suas vontades, um “super-homem,”⁶ está além do Bem e do Mal (para usar o nome de uma obra de Nietzsche). Somente o Leão, animal feroz, pode transformar o “tu deves” no “eu quero”, lutar contra todas as coisas que o aprisionou, encontrar o engano, o erro, até nas coisas mais sagradas, por mais que as ame, para que consiga de vez encontrar a liberdade. Transformando-se em “homem Leão,” e ganhando a liberdade, o homem se rebela contra o Dragão (Deus). O homem Leão é o homem Camelo em metamorfose, que descobre dentro de si a sua força. Que por mais que sinta o desejo de se prostrar diante as vontades do

⁵ “O egoísta nietzschiano não pretende que tudo gire ao seu redor, antes dirige-se ao seu ultrapassar. Ficar a sós consigo mesmo, para crescer na solidão do autoconflito. Ele enfrenta abismos até superar-se” (NIETZSCHE *apud* SOUSA 2012; p. 12).

⁶ Muito se discute sobre a correta tradução do termo “*Übermensch*”. Alguns tradutores preferem a designação “além-homem”; outros, “supra-homem”.

Dragão diz não e se entrega às suas próprias forças. Perceba que o filólogo Nietzsche apresenta uma incompatibilidade entre Liberdade e Ser divino. Se Deus existe o homem não é livre; como Deus não existe, o homem é livre. Se Deus existe o homem não pode ser criador de valores deve, ao contrário, ser “camelo” que suporta o “tu deves” em pesados fardos em suas costas. Segundo Costa (p. 06), “na crítica de Nietzsche à religião está o problema da relação entre lei e liberdade.” Ainda, segundo Costa (p. 06), em crítica ao imperativo “Deus morreu”, afirma que Nietzsche, diferente de outros filósofos ateus, não parte de raciocínios lógicos para provar a inexistência de Deus, na falta de argumentos sólidos, as críticas de Nietzsche à religião são de ordem pessoal: sua formação luterana.

Para compreendê-lo em seu ódio à religião é preciso levar em conta que ele tinha diante dos olhos a teologia luterana com sua tese pessimista da total corrupção da natureza humana incapacitada de qualquer obra de valor para a salvação. Ora, uma visão tão lúgubre da vida humana tinha todo o potencial para engendrar uma reação. Infelizmente, a reação de Nietzsche foi descomedida e passional (COSTA, p. 06).

O homem Leão, que nega a vontade de Deus para realizar a própria vontade, acredita em si mesmo, na sua razão, na sua força. Ele, também, é niilista, mas no sentido reativo: ele nega o alicerce metafísico e religioso fora deste mundo mas precisa de alicerces sólidos neste mundo que se faz no agora e se projeta no futuro. Nesse sentido, o homem Leão é um niilista reativo mas, simultaneamente, existe uma característica ativa no seu ser niilista: ao se projetar e criar novos valores.

Destarte, em Nietzsche, embora o homem Leão seja um ideal de liberdade, não é o ideal de homem, pelo contrário, é uma ponte de passagem entre o “homem Camelo” e o “homem menino”. É o espírito que se rebela contra a falsidade, contra o julgo pesado que a sociedade, a religião, a moral colocaram em seus ombros. É o espírito que desvencilha-se das correntes da mediocridade. O “homem Leão” transforma-se em “homem menino” porque este simboliza a inocência, o esquecimento, o recomeço, um movimento, uma santa afirmação do espírito que quer agora a sua vontade, “o que perdeu o mundo quer agora alcançar o seu mundo” (NIETZSCHE, 2002, p. 34-7). O homem menino dança, joga, brinca, a verdade lhe é indiferente.

Desse desembaraço das mutações do espírito humano, o leitor de Nietzsche busca compreender o livro *O Anticristo*⁷. Neste livro (2010, p. 39-58), a religião cristã é posta

⁷ Escreve Mauro Araújo de Souza no prólogo do livro *Para além do bem e do mal de Nietzsche* (2012; p. 11): “o Anticristo fez a acusação de que a crença metafísica, valorizando a vida no além em detrimento da vitalidade do existir terreno, corroe a humanidade com o ressentimento, com o sentimento de culpa, e propôs à mesma o ascetismo como via de purificação da ‘má consciência’”.

como nociva, um vício de onde origina um “animal doméstico, de rebanho, a enferma besta humana – o cristão.” Esta afirmação é uma célebre alusão ao “homem Camelo” que trava uma luta contra a perspectiva de “super-homem”, onde o bem é tudo aquilo que desperta “o sentimento de poder, a vontade de poder, o próprio poder”. Em razão do cristianismo, “todos os valores em que a humanidade deposita seus mais elevados anseios são valores de decadência” e prova disto é o sentimento de piedade “que luta pelos fracos” retirando do homem toda vontade de viver levando-o, por vezes, ao “sacrifício”. Foi o cristianismo que extraiu da ideia de Deus as premissas da vida ascendente, provocando uma “redução” do divino: “de forte, valoroso, dominante, orgulhoso” transformou-se em “Deus dos miseráveis, Deus dos pecadores, Deus dos doentes por excelência (...)” E assim foi se reduzindo até transformar-se em algo cada vez mais fraco: “espírito puro”, “ideia”, “absoluto” etc. E para dizer “não” a tudo o que representa o movimento ascendente da vida “converteu o instinto de ressentimento em gênio que fabricou para si outro mundo, onde a afirmação da vida (típica do super-homem) fosse algo mau, reprovável por si”. A Igreja buscou “desprezar a natureza e os valores naturais.” A ideia de pecado é um instrumento utilizado pelos sacerdotes para permanecerem no poder. O próprio Deus paulino, “tal como Paulo o criou, é a negação de Deus (...). Paulo compreendeu que a mentira – a fé – era necessária; e a Igreja mais tarde compreendeu Paulo.” O Deus de Paulo não é real. Segundo o pensador, Paulo não era cristão, mas um deturpador do cristianismo. O único cristão que existiu morreu na cruz. “O ‘Evangelho’ morreu na cruz” (NIETZSCHE, 2010, p.72-85)⁸.

A “morte de Deus,” proclamada por Nietzsche, na *Gaia Ciência* (2010, p. 116), é um imperativo que abre ensejo para uma nova interpretação da realidade, é a possibilidade de um perspectivismo, isto é, a possibilidade do ser humano se abrir a outras interpretações da realidade.

[...] Não ouvimos o barulho dos coveiros a enterrar Deus? Não sentimos o cheiro da putrefação divina? – também os deuses apodrecem! Deus está morto! Deus continua morto! E nós o matamos! Como nos consolar, a nós assassinos entre os assassinos? O mais forte e mais sagrado que o mundo até então possuía sangrou inteiro sob os nossos punhais – quem nos limpará este sangue? Com que água poderíamos nos lavar? Que ritos expiatórios, que jogos sagrados teremos de inventar? A grandeza desse

⁸ A metafísica contempla o mundo dos “deuses”, da “perfeição”, das “verdades intocáveis e absolutas”, enfim, das coisas “inexistentes”. A metafísica é resultado da racionalidade do homem buscando formas de se aprisionar. Não somos seres divinos! O homem, falo do homem histórico/cultural, precisa de uma ética humana ligada diretamente às necessidades intrínsecas ao homem, e não aos “deuses”. O “dever ser” é uma forma ilusória de imaginar “possíveis virtudes” onde existem simplesmente pessoas; uma forma de imaginar “super-valores” para retornar o homem ao Jardim do Éden. O Éden é o Jardim da perfeição, do Deus judaico-cristão, de onde a criatura por excelência foi expulsa. Não há lugar para o homem, ser natural, no Paraíso. E para saber isto não é preciso ir “além do Bem e do mal”.

ato não é demasiado grande para nós? Não deveríamos nós mesmos nos tornar deuses, para ao menos parecer dignos dele? Nunca houve um ato maior – e quem vier depois de nós pertencerá, por causa desse ato, a uma história mais elevada que toda a história até então.

O filólogo, com a expressão “Deus morreu,” proclamou o fim da influência religiosa, dos valores metafísicos, das verdades absolutas, de tudo o que é platônico, kantiano, cristão, na vida e na moral que cerca os homens. O Bom, o Belo, o Verdadeiro, o Justo, as leis universais e imutáveis são criações de um povo sofredor e ressentido (do “homem camelo”), são construções que podem ser desconstruídas. A verdade eterna não existe, não existe um mundo suprassensível de verdades inquestionáveis como almejava Platão, ou um Paraíso eterno como almejava os cristãos. Não existe o bem ou o mal para além do mundo. A ideia moral perdeu sua identidade transcendente, o que ele chamou de “preconceito teológico” e, portanto, propôs a criação de novos valores onde se exprime a vontade de potência, a afirmação da vida (Homem Leão) (NIETZSCHE, 2009, p. 17-21).

Assim, essa ideia da “morte de Deus” pressupõe uma nova ordem de valores, uma nova construção antropológica do ser humano, ou para usar a expressão de Nietzsche: uma “Transvaloração dos valores”⁹. Como afirmou no livro *Genealogia da moral* (2009, p. 17-21), não é necessário procurar a “origem do mal para além do mundo”. Segundo ele, partindo de um pouco de educação histórica e filosófica é possível abandonar a pergunta “qual é a origem de nossa ideia do bem e do mal” e tentar responder a pergunta “de que modo inventou o homem essas apreciações ‘o bem e o mal’?” Os valores transcendentais esvaeceram e abriram espaço para a construção de novos valores. Os valores tornam-se construções históricas servindo para determinado momento histórico e suscetível de mudanças. Em síntese: a ideia moral perdeu, para ele, sua identidade transcendente, o que ele chamou de “preconceito teológico”, e tornou-se uma construção histórica.

⁹ Assim, para a transvaloração de todos os valores, o cristianismo necessita ser superado e (1º) o padre que ensina a antinatureza precisa da casa de correção; (2º) Deve ser considerado um crime “qualquer participação em um Ofício divino”; (3º) Onde o cristianismo nasceu construirá motivos de pavor para a posteridade; (4º) A castidade é um pecado contra o Espírito Santo da vida; (5º) O padre será expulso da sociedade e exilado no deserto; e (6º) as palavras “Deus”, “Santo”, “Redentor” serão usadas para marcar os criminosos (NIETZSCHE, 2010, p. 109-10)

JEAN-PAUL SARTRE: EXISTENCIALISMO E LIBERDADE HUMANA

Enquanto construção histórica, no Livro *O Existencialismo é um humanismo*, Jean-Paul Sartre(1905-1980)¹⁰ não está distante da visão ética de Nietzsche. No perspectivismo-existencialista ateu de Sartre, “a existência precede a essência”. Essa máxima está na contramão/Antítese do pensamento filosófico clássico e do cristianismo que concebe o homem com uma essência fixa e imutável. Na perspectiva existencialista sartriana, assim como em Nietzsche, não há um Deus¹¹, uma essência ou uma natureza humana que defina o homem enquanto homem. Não há uma natureza determinada, valores ou ordens dadas por Deus para legitimar a conduta humana. O homem sem Deus está livre, como nunca fora antes¹².

O homem está condenado a ser livre. Condenado, porque não se criou a si mesmo, e como, no entanto, é livre, uma vez que foi lançado ao mundo, é responsável por tudo o que faz (SARTRE, 1970, p. 07).

Nesta percepção, não existe na “biblioteca divina” um “livro da vida” determinando a existência das pessoas. Se existe um livro, este está em branco e é cada indivíduo que irá escrever a sua própria história. O homem não é “um carro de passeio” que trafega em estradas prontas (valores), ele é um trator que jogado na selva constrói sua própria estrada. Por isso, escreve Sartre (1970, p. 06) que “não está escrito em nenhum lugar que o bem existe, que devemos ser honestos, que não devemos mentir já que nos colocamos precisamente num plano em que só existe o homem.” Neste sentido, não há valores dados *a priori* ou numa vida extraterrena que determine a conduta humana. O homem se constrói sendo responsável por suas escolhas.

Assim, enquanto sujeito de liberdade, o homem é responsável por tudo o que é e, por isso, torna-se responsável pelo conjunto da humanidade: “não há um único de nossos atos que, criando o homem que queremos ser, não esteja criando, simultaneamente, uma imagem do homem tal como julgamos que ele deva ser.” Cada escolha que o indivíduo faz reflete um conjunto possível de escolhas. Ao escolher, por mais que esse ato parece subjetivo, a escolha reflete o ideal de sociedade almejada: “a nossa responsabilidade é

¹⁰ Entre 1905 e 1980 existem vários acontecimentos históricos marcantes: Primeira Guerra Mundial em 1914; Revolução Russa em 1917; quebra da bolsa de New York em 1929; Segunda Guerra Mundial em 1939, na qual Sartre participa como meteorologista e é preso num campo de concentração, de onde escapa depois de um ano com documentos falsos; guerra fria.

¹¹ O homem está desamparado

¹² Se Deus existe ou não, para o existencialista, tanto faz, “o problema não é o da sua existência; é preciso que o homem se reencontre e se convença de que nada pode salvá-lo dele próprio, nem mesmo uma prova válida da existência de Deus” (SARTRE, 1970, p. 18). Daí, assim como em Nietzsche não se ter necessidade de raciocínios lógicos e deduções para se provar ou negar a existência de Deus.

muito maior do que poderíamos supor, pois ela engaja¹³ a humanidade inteira” (SARTRE, 1970, p. 05).

Numa dimensão mais individual, se quero casar-me, ter filhos, ainda que esse casamento dependa exclusivamente da minha situação, ou da minha paixão, ou de meu desejo, escolhendo o casamento estou engajando não apenas a mim mesmo, mas a toda a humanidade, na trilha da monogamia (SARTRE, 1970, p. 05).

Neste aspecto, a consciência que se extrai da amplitude das escolhas gera no homem um sentimento de profunda responsabilidade de onde oriunda a angústia.¹⁴

O homem é angústia (...). O homem que se engaja e que se dá conta que ele não é apenas aquele que escolheu ser, mas também um legislador que escolhe simultaneamente a si mesmo e a humanidade inteira, não consegue escapar ao sentimento de sua total e profunda responsabilidade (...). Este tipo de angústia se explica também por uma responsabilidade direta para com os outros homens engajados pela escolha (SARTRE, 1970, p. 05- 6).

Assim, para Sartre, mesmo se as pessoas afirmarem que nem todos fazem o mesmo e que estão enganando somente a si próprias não podem escapar à pergunta: “E se todos fizerem o mesmo?” Só é possível escapar a essa pergunta movido pela má fé.

Aquele que mente e que se desculpa dizendo: nem todo o mundo faz o mesmo, é alguém que não está em paz com sua consciência, pois o fato de mentir implica um valor universal atribuído à mentira. Mesmo quando ele disfarça, a angústia aparece (SARTRE, 1970, p. 06).

Tanto em Nietzsche quanto em Sartre, a morte de Deus pressupõe uma revolução no campo dos valores¹⁵. Tanto o homem Leão quanto o homem “condenado à liberdade” são ideais claros de um novo modelo de sociedade. Embora a ausência do Divino pareça devaneio para muitas pessoas, o projeto de Nietzsche e de Sartre tem um valor universal: “Qualquer projeto, por mais individual que seja, tem um valor universal.” Um projeto desenvolvido por um homem pode ser entendido por outros, pois há uma universalidade de condição do homem que não é dada *a priori*, mas construída. O homem é um ser

¹³ “Engajamento significa a necessidade de se voltar para a análise da situação concreta, como responsável pelas mudanças sociais e políticas de seu tempo. Pelo engajamento, a liberdade deixa de ser apenas imaginária porque o indivíduo compromete-se com a ação” (ARANHA; MARTINS 2013, p.197).

¹⁴Segundo Colette (p. 55), essa responsabilidade oriunda da angústia, nasce no indivíduo que, pondo de lado o ser metafísico, vê-se diante da dualidade de um “absoluto” que é a consciência de si e um outro absoluto que é a consciência histórica (e, conseqüentemente, social).

¹⁵ “(...) ‘Se Deus não existisse, tudo seria permitido’. Eis o ponto de partida do existencialismo” (SARTRE, 1970, p. 623).

consciente (o que o difere dos outros animais e dos objetos). No *cogito*¹⁶ o homem toma consciência de si, mas também dos outros homens que o cercam: o homem se dá conta

que só pode ser alguma coisa (...) se os outros o reconhecem como tal. Para obter qualquer verdade sobre mim, é necessário que eu considere o outro. O outro é indispensável à minha existência tanto quanto, aliás, ao conhecimento que tenho de mim mesmo. Nessas condições, a descoberta da minha intimidade desvenda-me, simultaneamente, a existência do outro como uma liberdade colocada na minha frente, que só pensa ou só quer ou a favor ou contra mim. Desse modo, descobrimos imediatamente um mundo a que chamamos intersubjetividade e é nesse mundo que o homem decide o que ele é e o que são os outros (SARTRE, 1970, p. 13).

Embora a escolha seja individual, é preciso o reconhecimento do outro, pois o outro, de certa forma, me diz quem eu sou. Essa outra liberdade que se projeta diante os olhos como um fenômeno diz o que sou e o que não sou e, em contrapartida, recebe sua identidade. A liberdade sem Deus está nessa condição de possibilidade, de existências.

CONCLUSÃO

O filólogo e o literata, respectivamente, Nietzsche e Sartre, abandonaram, nas teorias supracitadas, os princípios religiosos e as verdades transcendentais da metafísica, partindo do princípio de que o homem é um ser cultural/histórico. Em Nietzsche, o homem deve libertar-se e, em Sartre, construir-se. Em síntese, os dois pensadores buscam um ideal de liberdade para o homem, seja na “morte de Deus” ou na consequência desta: a plena liberdade humana. Fato é que se “Deus morreu” e o homem é cultural/histórico (constrói sua essência na existência) jamais será plenamente livre, enquanto ser político e social.

Neste sentido de determinações políticas e sociais, ponderamos que o homem não está totalmente determinado pelo ambiente que o circunda ou por forças sobrenaturais e divinas (por mais que Deus exista), podendo escolher agir ou não diante determinadas situações (diferente do cachorro que não escolhe latir; ele late). Mas este escolher agir ou não está relacionado ao que lhe foi internalizado como certo ou errado no processo de socialização. Relacionado não é determinado, pois o homem não é um ser acabado, mas aberto. Não age vinculado exclusivamente a uma natureza determinante e determinada (como os animais) mas, sim, deve pensar como agir em uma sociedade sem esquecer-se do

¹⁶ O *cogito* sartreano, diferentemente do conceito cartesiano, é um absoluto que se define pelo primado da existência sobre a essência (COLETTE, 2009, p. 55).

que acredita ou de quem é e, mesmo quando indispensável, deve estar apto a abandonar o que acredita quando tiver ciência de que a verdade é outra. Parece-me que esse é um verdadeiro ideal de liberdade, evidentemente diferente dos pensadores supracitados, pois este ideal pressupõe que a liberdade é um meio para um fim: a verdade. Logo, a verdade poderá exigir mudanças.

Esse mecanismo de mudanças, inerente à característica histórica do homem, é perceptível e acontece quando certos valores e costumes carecem de fundamentação teórica emergindo à reflexão ética como meio de desnaturalizar práticas que são consideradas “naturais” ou “normais” em uma sociedade. Aristóteles, filósofo, compunha na sua obra Política a escravidão por natureza. A escravidão era uma prática “natural”, normal naquela época/cultura – os vencidos em guerra eram escravos. Se o homem fosse totalmente determinado aos valores de uma sociedade, ainda hoje teríamos escravos e acreditaríamos que estaria na inferioridade de sua natureza/raça o ser escravo. Quando a cultura está fortemente internalizada no cidadão, traz a ele uma sensação de naturalização de suas práticas, e todos que negam aqueles valores que se tornaram “absolutos” e “naturais” são considerados “estranhos”, “diferentes”, “antinaturais”, pois quebram com a forma desse específico grupo social enxergar a realidade. Daí o homem ter que estar aberto à verdade, ao ponto de mudar o que acredita quando acreditar no erro.

Sendo assim, o pensamento de Nietzsche e de Sartre carregam verdades perenes quando afirmam que os valores morais são históricos. Porém, nem todos os valores são históricos. Os valores típicos da natureza humana, chamados naturais, não mudam, porque a natureza humana não muda. Não se pode simplesmente negar a existência da natureza assim como se nega a existência de Deus. Deus é uma questão de fé (e nós cremos), mas também uma questão dedutível racionalmente (é possível inferir a existência de Deus – não é possível provar), enquanto a existência da natureza não requer provas e nem fé, basta olhar ao redor. Não negamos que o homem é um ser histórico, mas não negamos a natureza inerente ao seu pensar, ao seu organismo, à finalidade das ações, inclusive das que mantêm a sociedade. Os valores naturais estão alicerçados em um projeto divino de construção da humanidade, daí ser necessário supor a morte de Deus para construir uma teoria sem valores naturais e divinos. E isto na perspectiva de Nietzsche e de Sartre de que a lei moral aprisiona o homem, quando em verdade é a lei moral que liberta o homem, pois esta indica o bem a ser feito e o mal a ser evitado. Bem e mal comprovados à luz da reta razão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES. *A Política*. Rio de Janeiro. Ediouro, 1999
- AZEREDO, Vânia Dutra de. *Nietzsche e a dissolução da moral*. São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2003.
- COLETT, Jacques. *Existencialismo*. Rio de Janeiro: L&PM Pocket, 2009.
- COSTA, João Batista de Almeida Prado Ferraz. *Nietzsche e a crítica da religião*. Disponível em: santamariadasvitorias.org/Nietzsche-e-a-critica-da-religiao-ufg/, s/d
- MATTOZO, Israel Cunha. *Mal-Estar e Sociedade* - Ano V - n. 9 - Barbacena - junho/dezembro 2012 - p. 113-129
- MONDIN, Batista. *Curso de Filosofia*. São Paulo: ed. Paulinas, 1983
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A Genealogia da Moral*. Tradução de Antônio Carlos Braga. 3ª ed. São Paulo: Ed. Escala, 2009.
- _____. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Martin Claret, 2012
- _____. *O Anticristo*. São Paulo: Martin Claret, 2010
- _____. *Assim falava Zarathustra*. 2002. e-book. Disponível em: www.ebooksbrasil.org
- SARTRE, J. P. *O Existencialismo é um humanismo*. Fonte: L'Existentialisme est un Humanisme. Paris: Les Éditions Nagel, 1970 - Tradutora: Rita Correia Guedes. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/sugestao_leitura/filosofia/texto_pdf/existencialismo.pdf> Acessado em 24 Fev. 2021
- VALADIER, Paul. *Nietzsche y la crítica del cristianismo*. Tradução de Eloy Rodrigues Navarro. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1982.